

**“POR AMOR ÀS CAUSAS PERDIDAS”: OS DONS
QUIXOTES DE CERVANTES E GESSINGER AO
MESSIANISMO DE WALTER BENJAMIN NAS TESES
“SOBRE O CONCEITO DE HISTÓRIA”**

**“POR EL AMOR DE LAS CAUSAS PERDIDAS”: LOS
DONES QUIJOTES DE CERVANTES Y GESSINGER AL
MESÍAS DE WALTER BENJAMIN EN LAS TESIS “SOBRE
EL CONCEPTO DE HISTORIA”**

Wendell Guedes da SILVA*

Resumo: A letra da canção “Dom Quixote”, de Humberto Gessinger, foi inspirada na obra homônima de Miguel de Cervantes. Nela, a conhecida história do “Cavaleiro da Triste Figura” é musicada segundo interpretação do compositor, registrando as lutas (aparentemente) sem sentido contra moinhos de ventos e outras aventuras carregadas de alegorias em prol da glória e fama da cavalaria. De modo semelhante (mas não fantasioso), Benjamin, nas Teses sobre o Conceito de História, reflete sobre as lutas contra o fascismo, a necessidade de combater um inimigo na prática, mas que demandava novos conceitos para a luta. Este artigo buscará estabelecer, portanto, um diálogo entre música, literatura e teoria histórica como propostas de transformações sociais e culturais.

Palavras-chave: Dom Quixote, Humberto Gessinger, Walter Benjamin, Música, Teoria da História.

Resumen: La composición de la canción “Dom Quijote”, de Humberto Gessinger, fue inspirada en la obra homónima de Miguel de Cervantes. En ella, la conocida historia del “Caballero de la TristeFigura” es puesta en la canción según la interpretación del compositor, registrando las luchas (aparentemente) sin sentido contra los molinos de viento y otras aventuras cargadas de alegorías a favor de la gloria y la fama de la caballería. De manera similar (pero no fantasiosa), Benjamin, en las Tesis sobre el Concepto de Historia, reflexiona sobre las luchas contra el fascismo, la necesidad de luchar contra un enemigo en la práctica, pero que exigía nuevos conceptos para la lucha. Por lo tanto, este artículo buscará establecer un diálogo entre música, literatura y teoría histórica como propuestas de transformaciones sociales y culturales.

Palabras-clave: Don Quijote, Humberto Gessinger, Walter Benjamin, Música, Teoría de la Historia.

Arte e Teoria da História

[...] porque a experiência me mostrava que a música recompõe os ânimos transtornados e alivia as preocupações que nascem da alma. (CERVANTES SAAVEDRA, 2020, p. 344).

Não é de hoje que a ficção, a literatura e a música (artes), fazem parte do rol de fontes dos historiadores para os estudos das sociedades e culturas. É também sabido que

* Doutorando em História – Programa de Pós-graduação em História – Universidade Federal do Ceará – UFC. Fortaleza, CE – Brasil. E-mail: wendellwl2@gmail.com.

nem sempre foi assim e que esse interesse cresceu nos últimos tempos com os avanços da teoria e da metodologia histórica no interesse nesses tipos de fontes e, também, no trato metodológico delas. O que é resultante da produção humana deve interessar ao historiador. Pedindo licença para resumir seu pensamento em obra valiosa para nossa formação, Marc Bloch nos chamava atenção em sua *Apologia da História ou o ofício do historiador*, na metáfora em que compara o historiador ao ogro da lenda.

A composição musical como fonte demoraria um pouco mais para “cair no gosto” dos historiadores (no Brasil) e não sem desconfiança, uma vez que foi considerada como produto da alienação e alienante das massas, sobretudo, quando se fala de música popular, principalmente com Adorno. Mas essas ideias também possuem sua datação, nos meados do século XX e muitas águas passaram por debaixo da ponte de lá para cá. Carecíamos de métodos para lidar e interpretar esse tipo de produção artística do modo “sério”, conforme pretendido pelas ciências humanas. No entanto, esse campo floresceu e, hoje, a música e suas letras têm tido espaço válido nos estudos e compreensões humanas no campo científico.

É inegável que a música mexe de algum modo com os nossos sentidos: se estamos alegres ou tristes, podemos ouvir uma canção que pode aprofundar nosso estado de ânimo ou modificá-lo ao oposto do que estamos sentido. Fato é que a música pode nos tocar de modo íntimo e transformar nosso humor instantaneamente. Dependendo daquilo que buscamos, a letra da música comunica, desenvolve laços de identidade e pode ser sempre um alívio a quem procura abrigar-se de algum mal. Do mesmo modo, aquele(a) que compõe (escreve) a música também tem algo a transmitir, seja sua arte, seja sua visão de mundo, algo novo ou o que já foi dito antes. Não deixa de ser um diálogo sobre e para o mundo.

Em outro aspecto, a composição musical é um discurso que procura ganhar eco na sociedade, pode-vir-a-ser a transmissão, como dito, da identificação imediata com aquilo que o artista escreve, muitas vezes, sobre si ou uma ideia de si, ou que transmite ainda, o pensamento dos outros de discursos em cadeia, interdiscursivos, como Humberto Gessinger faz em sua leitura de *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes.

Nisso podemos perceber algo curioso, como pretendemos abordar, que a obra literária interpretada por Gessinger como canção, é capaz de encontrar entre os ouvintes quem diga que “essa música foi escrita para mim”. A arte permite isso, porque parte do humano para o humano e, na música, essa relação será sempre possível. O compositor lê a obra, reescreve musicalmente conforme suas experiências, visão de mundo e, ainda assim, a canção achará seu par perfeito.

Obviamente, este artigo é uma análise possível dentre tantas, porque aqui se pretende analisar a composição musical (de um brasileiro), inspirada numa obra literária (de um espanhol), relacionando-a com as teses históricas de um pensador (alemão), cujas produções estão distantes no tempo e no espaço umas das outras, mas que se interligam de algum modo.

Outrossim, “em tempo de crise, fique do lado dos artistas”. Esta frase atribuída a Mário Pedrosa nos diz um pouco sobre a sensibilidade dos artistas enxergarem a realidade que a maioria não vê, nem sentem os problemas que se avizinham. Somos sabedores também que Cervantes e Benjamin enfrentaram as suas crises, em suas respectivas épocas, bem como, Gessinger soube transmitir na sua canção não apenas as desventuras quixotescas (de não perder a esperança na transformação e no combate àquilo que é mau), como também coaduna com a melancolia benjaminiana da esperança messiânica em derrotar o fascismo. Essas aproximações permitem que esse diálogo entre eles seja realizado.

Por amor às causas perdidas: na ficção, na música e na história

Longe de qualquer possibilidade de afirmação sobre o que o compositor “quis dizer” na sua letra, aqui, fica claro o óbvio: é uma interpretação possível que reflete as visões e experiências de quem analisa a canção e estabelece interlocuções com outros campos da produção humana. Certamente, outras análises são possíveis.

A história de Dom Quixote, de Miguel de Cervantes, é considerada um clássico da literatura mundial, o primeiro romance moderno que rompeu com o mundo medieval, sobretudo a partir da vida de seu próprio escritor, militar, escravizado, passou a vida em dificuldades financeiras e, finalmente, escritor, com destaque para a obra em questão.

Envolvido pela crença de se tornar cavaleiro andante, falado e reconhecido em todas as partes do mundo, Dom Quixote de La Mancha, montando seu pangaré, Rocinante, acompanhado de seu fiel escudeiro, Sancho Pança, saem pela Espanha em busca de aventuras para salvar os oprimidos, as donzelas aflitas, promover a justiça (ou o que considerasse que fosse justo), inspirado pelos inúmeros romances de cavalaria que havia lido e que ecoavam em sua mente (transtornada?), tendo, como ordenava o “manual” da cavalaria, para quem dedicar sua inspiração e a quem devotava, justificadamente, as dificuldades que o destino lhe impunha, Dulcineia Del Toboso.

Nessas desventuras, enfrentou moinhos de vento (acreditando serem dragões ou gigantes), supostos magos que pregavam-lhe peças e outros que o protegia e, na maioria das vezes, apanhavam bastante nas contendas em que se viam metidos. Quixote era o sonhador, Sancho, mais realista, porém movido pela ambição de ver cumpridas as promessas de seu amo de lhe doar uma ilha e muitas riquezas, questionava o que enfrentavam, mas “comprava” a ideia de ser escudeiro de um cavaleiro que garantia se muito famoso um dia.

Essas informações bastam sobre a obra de Cervantes e a construção de Dom Quixote em sua obra. Sem dúvida um magnífico trabalho da escrita, maravilhosa sátira da cavalaria medieval, fazendo dela uma leitura aconselhável e muito divertida, fazendo dela o clássico que se tornou, permitindo que façamos sempre a recomendação de sua leitura. No mais, as poucas informações acima são úteis para a apreciação deste artigo e evitaremos assim, *spoilers*. Quem desejar (e recomendo fortemente), que leia.

Uma coisa é certa: para Gessinger escrever a canção e dar a ela tal título, certamente leu a obra de Cervantes, teve dela suas impressões e as musicou conforme a compreendeu, dando sua ressignificação às lutas travadas pelo “Cavaleiro da Triste Figura”. E, se, ao falarmos do passado e de nossas sensações, falamos sob a ótica do presente, claro que tais ressignificações se relacionam com o “hoje” da composição do artista, pois: “[...] O ouvinte opera num espaço de liberdade, mas que é constantemente pressionado por estruturas objetivas (comerciais, culturais, ideológicas) que lhe organizam um campo de escutas e experiências musicais”. (NAPOLITANO, 2002, p. 56). Isso vale para Gessinger, quando compunha a letra, vale para todos nós, ouvintes, quando interpretamos e nos identificamos (ou não) com uma canção, já que “as canções têm uma sabedoria própria, dão um jeito de achar os ouvidos a que estão destinadas” (GESSINGER, 2009, p. 126).

Dom Quixote (a canção) foi escrita em 2002 e lançada no ano seguinte, no álbum *Dançando no Campo Minado* (sempre achei os títulos dos discos e canções um espetáculo à parte dos Engenheiros do Hawaii e de Humberto Gessinger) e, diante das poucas informações dadas aqui de Dom Quixote (a obra de Cervantes), é possível estabelecer algumas ligações entre elas.

DOM QUIXOTE

Muito prazer, meu nome é otário/ Vindo de outros tempos/ mas sempre no horário/ Peixe fora d'água/ borboletas no aquário/ Muito prazer, meu nome é otário/ Na ponta dos cascos e fora do páreo/ Puro sangue, puxando carroça/ Um prazer cada vez mais raro/ Aerodinâmica num tanque de guerra/ Vaidades que a terra um dia há de comer/ "Ás" de espadas fora do baralho/ Grandes negócios,

pequeno empresário/ Muito prazer me chamam de otário/ Por amor às causas perdidas.

Tudo bem, até pode ser/ Que os dragões sejam moinhos de vento/
Tudo bem, seja o que for/ Seja por amor às causas perdidas/ Por amor às causas perdidas/
Tudo bem... até pode ser/ Que os dragões sejam moinhos de vento/
Muito prazer... ao seu dispor/ Se for por amor às causas perdidas/ Por amor às causas perdidas.

(Letra: GESSINGER, Humberto. Música: GALVÃO, Paulinho).

Reforçando que uma canção, considerada suas influências (literárias, como é o caso), é escrita pela influência do presente, Gessinger aborda a questão do desejo que se aplica à ação, na perspectiva de um mundo melhor, quando a realidade indica o contrário. Ser chamado de “otário” é comum quando você é “passado para trás”, não age com esperteza ou deixa de levar vantagem sobre os outros quando se tem a oportunidade. Apresentar-se como “otário” é ter ciência do que ocorre a sua volta, mas carrega também uma dimensão moral de agir corretamente, dentro do que se considera justo, sem o desejo de prejudicar ninguém, a não ser a si mesmo.

Apenas para situar, já que não é o objetivo desta discussão, Gessinger tem, em boa parte das suas canções, um forte diálogo com o tempo presente, sendo conhecidas suas influências recebidas da filosofia existencialista de nomes como Albert Camus e Jean-Paul Sartre.

Não é de se estranhar que o “ser otário” esteja presente em tempos distintos na história da humanidade. As definições da esperteza também se modificam com o passar do tempo. Todavia, as dimensões entre o certo e o errado também são conhecidas e definidas em qualquer época e, por isso, mesmo *vindo de outros tempos*, há a possibilidade para estar *sempre no horário*, ter a oportunidade, diante de qualquer circunstância, de agir corretamente, fazer o que é *certo*.

É de se notar que a canção carrega certa nostalgia, desaceleração, a própria melodia, lenta e casando com a letra reflexiva, propõe a tranquilidade perdida com a modernidade. Vivemos numa sociedade cada vez mais dependente da técnica e imersa numa concorrência voraz, competitividade desmedida e de ritmos velozes, conseqüentemente, de valores perdidos e da criação de novos modelos para o sucesso, onde os sujeitos tornam-se “empresários de si mesmo” (HAN, 2015, p. 16) e cujo desempenho pessoal é atrelado a uma dependência dos próprios esforços para evitar o fracasso.

Temos, assim, o *Dom Quixote* (da canção) como qualquer sujeito, em qualquer época, como o ser estranho à norma, a regra social e que não se encaixa na fórmula de sucesso pregada (e aceita) pela sociedade, mesmo no desalento, mas aceitando o seu

“destino” de ser *o peixe fora d’água* ou como *borboletas no aquário* que não se encaixa no local no qual está inserido.

Numa sociedade de valores invertidos, onde o moralmente correto pode ter significações diferentes, as verdades questionadas e os fatos não serem levados em conta pelo negacionismo em voga (mesmo a canção sendo de 2003, não podemos deixar de notar sua atualidade), estar na *ponta dos cascos*, mas *fora do páreo*, é o lugar comum daqueles que se demonstram insatisfeitos com o contexto social. Como forma de negar a realidade absurda que vivem, tornam-se *puro-sangue puxando carroça*, alvos de risadas, depreciação ou mesmo comiseração por ser “estranho” ao sistema.

Devemos levar em conta o posicionamento do artista diante da realidade: dos problemas cotidianos, da tecnologia, das relações descartáveis numa sociedade que se isola cada vez mais de suas relações pessoais, trocando-as pelas telas de computadores e *smartphones* em busca de *likes* como nova forma de desejo, adentrando em artificialidades e investindo em relações facilmente desfeitas, fazendo com que tenhamos *um prazer cada vez mais raro* na dinâmica da vida. Uma simples observação, parar (algo raro, assim como o prazer) por um instante e perceber o que acontece a nossa volta, notaremos pressa, impaciência e a consequente perda de certos valores humanos em prol do utilitarismo. Mas como nos alerta Krenak (2020): “A vida não é útil” e é preciso encará-la de outro modo que não o da depredação da natureza, da concorrência desenfreada e da competitividade humana associada ao desenvolvimento e à dependência tecnológica.

A respeito disso, a consequência, talvez, dentre várias, seja a da contradição do avanço tecnológico e a pouca percepção da realidade que faz com que os jovens, principalmente, percam suas referências políticas, sociais, culturais e passem a ficar descrentes com a possibilidade de transformação aderindo ao “qualquer coisa serve”. Não à toa, a vida nas cidades, a despeito de toda tecnologia, tem se tornado isolada, angustiante e reflete o medo que as pessoas têm de sair e viver nas grandes cidades, ao passo que se iludem com a *aerodinâmica do tanque de guerra* ou as viagens espaciais de bilionários que dizem sonhar que estas sejam acessíveis a todos num futuro próximo. Talvez até venha a ser uma realidade a quem possa pagar (e caro) por essas viagens, mas estender a todos, na sociedade capitalista que divide e cria fronteiras entre as pessoas, faz com que tudo isso não passe de *vaidades que a terra um dia há de comer*.

Essas incríveis tecnologias que a gente utiliza hoje, que nos põem em conexão, têm uma boa dose de ilusão. São como um troféu que a ciência e o conhecimento nos deram e que usamos para justificar o rastro que deixamos na Terra. (KRENAK, 2020, p. 29)

Na maioria dos jogos de baralho, o “Ás” de espadas é a carta mais valiosa que se tem, porém, um *ás de espadas fora do baralho*, isto é, fora do jogo, não tem valor algum. Tendo a imensa maioria da população à margem da própria vida (fora do baralho, do jogo), não há sentido em tanta dependência tecnológica que não serve a esta maioria. Assim, refletir sobre *grandes negócios, pequeno empresário*, na onda do empreendedorismo ilude muitos num mundo em que a tecnologia e os negócios andam de mãos dadas e, privados da promessa empreendedora, agarrando-se à ilusão de ser rico, poderoso e influenciador das jovens gerações, passam a corroborar com o discurso da crença no progresso.

Chegamos ao refrão da canção que defende a ideia de continuar acreditando na perspectiva de mudança, ou talvez retorno, na sociedade diferente da que temos *por amor às causas perdidas*. Algo talvez utópico, talvez ilusão, mas num sentido inverso do que foi abordada no parágrafo anterior, de crer na possibilidade de outra realidade movida por uma dimensão ética, igualitária e mais justa. Remar contra a onda que nos leva à divisão, que nos fragmenta e nos distancia de nossa face humana.

Gessinger percebe que a sociedade carece de transformação, de mudança e isso passa por continuar acreditando naquilo que *é certo* e se encontra na contramão daquilo que temos diante dos nossos olhos. Então, *tudo bem, até pode ser que os dragões sejam moinhos de vento*, que eu me “iluda” e me agarre aos meus ideais de mudança, não seja mais um que desacredite da realidade perdendo referenciais. Que as lutas travadas possam ser em benefício de um coletivo e não apenas do individual.

Num sentido de regresso ao que foi esquecido, do convívio social, é preciso voltar a dizer *muito prazer, ao seu dispor se for por amor às causas perdidas*. O artista sente que estamos no caminho errado. No mesmo sentido, Krenak (2020, p. 13) alerta: “Temos que parar de nos desenvolver e começar a nos envolver”.

Para encerrar esta parte, mas não menos importante por ser deixada para o fim, alguma coisa sobre Humberto Gessinger acerca da realidade e que o liga ao propósito da letra da canção. A análise até aqui desenvolvida, é de apenas da composição de uma música, mas o conjunto da obra diz muito mais sobre o artista e a opinião que tem sobre seu próprio trabalho:

[...] É natural que, ao conhecer um artista, a indústria, os críticos e os fãs se perguntem com quem ele parece. Mas é preciso que o artista se pergunte o que é que só ele tem. [...] Enfim... Aproveitando a autonomia que conquistamos, fui me fechando no meu próprio trabalho, que foi ficando cada vez mais autorreferente. Era consciente disso e nunca me preocupei. [...] Discos compunham trilogias,

melodias e capas se repetiam anos depois, letras de músicas voltavam transformadas [...] (GESSINGER, 2009, p. 24-25).

Desse modo, temos uma visão de mundo, a partir do artista, que se coloca contrário à realidade proposta. Cheio de reflexões sobre a própria existência e o mundo, Gessinger tem boas “tiradas” em seus pensamentos acerca da produção musical e de uma ideia “evolutiva” do trabalho que deveria acompanhar o progresso da sociedade e da tecnologia: “O mundo pop é muito novidadeiro. A onda é vir, a cada ano, com outra onda. **Como se novidade fosse um valor em si.** Sempre achei empobrecedor pensar assim.” (GESSINGER, 2009, p. 34, grifo meu). Interessante observar a percepção do artista quanto à ideia de novidade, de negação ao desenvolvimento a uma “nova onda”.

Por fim, para dar a entender minimamente a posição do artista de se posicionar contra o que a sociedade impõe, ele próprio dá o seu ponto de vista:

Não aderir a um movimento pode ser um sinal de respeito a ele. Pensassem todos assim e não afundariam, por excesso de peso, tantas ideias bacanas. Ser datado é legal, ser ultrapassado também pode ser [...] Se a agenda da cena manda requestrar a rebeldia, qual a coisa certa a fazer? O contrário. (GESSINGER, 2009, p. 76-77).

Sem mais, eis um sentido possível de andar na contramão do progresso, recusar os heróis, os “mitos” que se apresentam de tempos em tempos, mas sempre em nome dos mesmos ideais, da perpetuação das ideias das classes dominantes.

Walter Benjamin e o “escovar a história a contrapelo”

Grosso modo, “escovar a história a contrapelo”, no pensamento benjaminiano, pode ser comparado (guardadas as devidas diferenças) ao movimento quixotesco de fazer o oposto ao que a lógica social impõe. Acreditar nas causas pelas quais valha a pena lutar, insistir na transformação da realidade mesmo que essa mudança se mostre – aparentemente – impossível. Reafirmo: guardemos as devidas diferenças entre ambos os contextos históricos e entre a realidade possível (Walter Benjamin) e ficção (a obra de Cervantes), são séculos de diferenças entre eles e, claro, Benjamin propondo a descontinuidade histórica, a ruptura, já Quixote, por seu lado, buscando restaurar o passado dos romances de cavalaria, algo que para ele havia sido perdido. Todavia, os dois, Benjamin e Dom Quixote guardavam certo saudosismo em torno de um passado, na recuperação de algo perdido.

Até certo ponto, podemos coloca-los, Walter Benjamin e Dom Quixote, como inclassificáveis em termos de rótulos, exceto pelo romantismo que os envolvia em torno

de ideias e desejos, talvez vejamos neles “uma espécie de bloco errático à margem das grandes tendências da filosofia contemporânea” (LÖWY, 2005, p.14), cada um em sua contemporaneidade.

Passemos a algumas, um ponto ou outro, das teses de Benjamin. Antes, esclareço que as *Teses sobre o conceito de história* são datadas de 1940, pouco antes do suicídio de Benjamin (em setembro), opção tomada frente ao cerco do exército espanhol do General Franco, temendo ser entregue aos nazistas quando tentava sair da França colaboracionista do governo hitlerista. As citações das Teses são retiradas da obra de Michael Löwy (2005), por não ter acesso às teses de maneira direta. Como a proposta é estabelecer uma relação entre a canção, a obra literária e a tese, não serão vistas todas, mas apenas aquelas que interessam aos propósitos deste artigo.

Na Tese I, Benjamin diz:

Como se sabe, deve ter havido um autômato, construído de tal maneira que, a cada jogada de um enxadrista, ele respondia com uma contra jogada que lhe assegurava a vitória da partida. Diante do tabuleiro, que repousava sobre uma ampla mesa, sentava-se um boneco em trajes turcos, com um narguilé à boca. Um sistema de espelhos despertava a ilusão de que essa mesa de todos os lados era transparente. Na verdade, um anão corcunda, mestre no jogo de xadrez, estava sentado dentro dela e conduzia, por fios, anão do boneco. Pode-se imaginar na filosofia uma contrapartida dessa aparelhagem. O boneco chamado "materialismo histórico" deve ganhar sempre. Ele pode medir-se, sem mais, com qualquer adversário, desde que tome a seu serviço a teologia, que, hoje, sabidamente é pequena e feia e que, de toda maneira, não deve se deixar ver. (BENJAMIN apud LÖWY, 2005, p. 41)

A ideia de Walter Benjamin propõe a existência de um autômato que estava destinado a ganhar sob qualquer circunstância. Característica da vitória “assegurada” do materialismo histórico (stalinista) sobre seus adversários, o capitalismo ou o fascismo diante da II Grande Guerra. A teologia, para Benjamin, está associada ao Messias numa alegoria do que “está por vir”, para quem busca a redenção e está em busca da salvação. Mas esta redenção não se mostra claramente, não apresenta suas intenções, só pode se realizar no limite da ruptura com as regras, com as imposições, tem que nascer do novo e junto ao povo “a serviço da luta dos oprimidos” (LÖWY, 2005, p. 45). Tal qual aspirava o Dom Quixote de Cervantes, tal qual o Dom Quixote de Gessinger que luta “por amor às causas perdidas”, que embora pareça ser, não são ilusões, é necessário continuar na luta e acreditando, apesar das derrotas, pois “[...] a associação entre teologia e marxismo como que sonhava o intelectual judaico revelou-se, à luz da experiência histórica, não só possível e frutífera, mas portadora de mudanças

revolucionárias” (LÖWY, 2005, p. 47). Nas três situações: na literatura, na música e na análise de Benjamin, temos aspirações aos sonhos que se creem possíveis de realizar.

Pertence as mais notáveis particularidades do espírito humano, [...] ao lado de tanto egoísmo no indivíduo, a ausência geral de inveja de cada presente em face do seu futuro”: diz Lotze. Essa reflexão leva a reconhecer que a imagem da felicidade que cultivamos está inteiramente tingida pelo tempo a que, uma vez por todas, nos remeteu o decurso de nossa existência. Felicidade que poderia despertar inveja em nós existe tão-somente no ar que respiramos, com os homens com quem teríamos podido conversar; com as mulheres que poderiam ter-se dado a nós. Em outras palavras, na representação da felicidade vibra conjuntamente, inalienável, a [representação] da redenção. Com a representação do passado, que a História toma por sua causa, passa-se o mesmo. O passado leva consigo um índice secreto pelo qual ele é remetido à redenção. Não nos afaga, pois, levemente um sopro de ar que envolveu os que nos precederam? Não ressoa nas vozes a que damos ouvido um eco das que estão, agora, caladas? E as mulheres que cortejamos não tem irmãs que jamais conheceram? Se assim é, um encontro secreta está então marcado entre as gerações passadas e a nossa. Então fomos esperados sobre a terra. Então nos foi dada, assim como a cada geração que nos procedeu, uma *fraca* força messiânica, a qual o passado tem pretensão. Essa pretensão não pode ser descartada sem custo. O materialista histórico sabe disso. (BENJAMIN apud LÖWY, 2005, p. 48)

Na Tese II, acima, temos, possivelmente, o melhor exemplo, dentre as teses, da analogia entre o messianismo e o quixotesco de nossos artistas. Benjamin fala de passado, busca por felicidade num presente angustiante, ligações de um passado que poderia ter levado a outros caminhos, portanto, remete à redenção necessária no agora.

Propondo analisar o próprio passado às vistas do presente que sofre, Benjamin afirma a necessidade de um acerto de contas. Não é possível admitir a felicidade de alguns poucos em detrimento da maioria que sofre. Não há a realização plena da felicidade se não houver um acerto de contas com o passado, se não houver uma quebra, uma imposição de limites ao progresso (e seu discurso na história), enfim, se não puder existir uma possibilidade de redenção. E esta realização só existirá se estiver a serviço do oprimido.

O “sopro de ar” que vem do passado nos serve de mote ao combate e nos lembra que a luta não acaba, não se encerra enquanto o sofrimento daqueles que perderam não for eliminado. O discurso de progresso perde completamente o sentido quando os oprimidos não podem vivenciar a felicidade em sua plena realização.

Ora, como já observado, Dom Quixote buscava sua reconciliação com um passado da cavalaria, o saudosismo de uma época que já não existia, exceto em sua cabeça, sendo a forma messiânica do Cavaleiro Andante acertar suas contas com o passado através das lutas no presente. O progresso também chegara para Dom Quixote e

ele não estava contente. Decidiu aventurar-se em favor dos oprimidos, acertar as contas com o seu passado, escovar a contrapelo a história de seu tempo.

É preciso, porém, saber:

[...] A redenção não é inteiramente garantida, ela é apenas uma possibilidade muito pequena que é preciso saber agarrar. [...] O poder messiânico não é apenas contemplativo – “o olhar voltado para o passado”. É também ativo: a redenção é uma tarefa revolucionária do presente. [...] “Éramos esperados na terra” para salvar do esquecimento os vencidos, mas também para continuar e, se possível, concluir seu combate emancipador. (LÖWY, 2005, p. 52-53)

Extremamente quixotesco e devotadamente um amor às causas perdidas da canção. Todavia, importante ressaltar que não estou “reduzindo” o pensamento revolucionário benjaminiano e suas perspectivas de transformação às ilusões do Cavaleiro da “Triste Figura”. Ao contrário, “elevar” os desejos de Dom Quixote, mesmo que envolvidos nos mitos da cavalaria, donzelas, do cavaleiro cortês e galanteador, protetor dos fracos, aos anseios enfrentados numa causa que já não mais existia, sem julgamentos de méritos ou grandiosidade do feito, colocando-os como a realização das lutas em prol de uma felicidade inexistente (no presente) parece mais aceitável. De algum modo, ambos falavam de uma espécie de *liberdade* que se queria alcançar/reviver.

A Tese IV é, assim como a II, bastante representativa dessas alusões:

A luta de classes, que um historiador escolado em Marx tem sempre diante dos olhos, é uma luta pelas coisas brutas e materiais, sem as quais não há coisas finas e espirituais. Apesar disso, estas últimas estão presentes na luta de classes de outra maneira que a da representação de uma presa que toca ao vencedor. Elas estão vivas nessa luta como confiança, como coragem, como humor, como astúcia, como tenacidade, e elas retroagem ao fundo longínquo do tempo. Elas porão incessantemente em questão cada vitória que couber aos dominantes. Como flores que voltam suas corolas para sol, assim que foi aspira, por um secreto heliotropismo, a voltar-se para o sol que está a se levantar no céu da história. Essa mudança, a mais imperceptível de todas, o materialista histórico tem que saber discernir. (BENJAMIN apud LÖWY, 2005, p. 58)

As lutas desempenhadas diante da vida podem ser, essencialmente, por questões materiais: alimentação, moradia, vestuário e desejos por outros bens. Entretanto, não havendo motivação, a crença na possibilidade da realização, da transformação possível, as lutas seriam deixadas de lado, esquecidas e estaríamos fadados ao destino que quissem nos dar. As motivações são as ações do espírito, para Benjamin, que também existiam nas aspirações de Dom Quixote e estão na letra da canção de Gessinger.

No caso da letra musical, vale bem afirmar que “tudo bem, seja o que for”, as motivações continuarão existindo para lutar e, possivelmente, transformar.

Numa comparação entre os três casos, a obra literária, a letra da música e o messianismo de Benjamin, vale o que nos diz LÖWY (2005, p. 61), comentando a Tese IV, que “a relação entre hoje e ontem não é unilateral: em um processo eminentemente dialético, o presente ilumina o passado, e o passado iluminado torna-se uma força no presente”.

Vejamus esta importante Tese, a de número VI:

Articular o passado historicamente não significa conhecê-lo "tal como ele propriamente foi". Significa apoderar-se de uma lembrança tal como ela lampeja num instante de perigo. Importa ao materialismo histórico capturar uma imagem do passado como ela inesperadamente se coloca para o sujeito histórico no instante do perigo. O perigo ameaça tanto o conteúdo dado da tradição quanto os seus destinatários. Para ambos o perigo é único e o mesmo: deixar-se transformar em instrumento da classe dominante. Em cada época é preciso tentar arrancar a transmissão da tradição ao conformismo que está na iminência de subjugar-la. Pois o Messias não vem somente como redentor; ele vem como vencedor do Anticristo. O dom de atear ao passado a centelha da esperança pertence somente aquele historiador que está perpassado pela convicção de que também os mortos não estarão seguros diante do inimigo, se ele for vitorioso. E esse inimigo não tem cessado de vencer. (BENJAMIN apud LÖWY, 2005, p. 65)

Nem os mortos restarão em paz se não acertamos no presente as contas das derrotas passadas dos oprimidos: eis a característica da redenção e da “vinda do Messias” de Benjamin.

Rejeitar a perspectiva Positivista e estar atento aos “lampejos” é o passo inicial e importante para a libertação dos oprimidos e a transformação social, à época de Benjamin, do fascismo, mas em todos os momentos históricos, do domínio da classe dominante sobre os sujeitos históricos. O historiador, adepto do materialismo histórico, sabe disso (ou deveria saber).

A redenção é o encontro com o passado, o acerto de contas no presente que também redimirá aqueles que lutaram e não venceram e, por isso, não podem “descansar em paz”. Igualmente, os mortos (seu passado de lutas) estão imersos nos acontecimentos do presente. A visão histórica, a ameaça fascista, o desejo de compreensão, mobilização, necessidade do enfrentamento e a reflexão teológica benjaminiana não poderiam ser melhores resumidas e explicadas como nessa Tese.

A crítica à ideia de “progresso” também está presente em Benjamin. A história e a historiografia não se apresentam de modo evolutivo, carregado de conquistas, mas de catástrofes, uma vez que o domínio da classe dominante não foi vencido e como esta mesma conta que foi. Deste modo, a história acumula insucessos, por isso não chegou

“ao fim” enquanto não houver a “redenção messiânica”, enquanto o passado não for visto como um *continuum* de insucessos que precisam sofrer a intervenção dos vencidos, enquanto os perigos que ameaçam os sujeitos históricos (os oprimidos) não forem reconhecidos à luz do passado e combatidos no presente, a redenção não acontecerá. O Messias, por isso mesmo, representa na teologia de Benjamin, o ajuste histórico necessário. O Messias representa o próprio conjunto de indivíduos oprimidos que deve buscar em cada núcleo de resistência e luta redimir o passado catastrófico e tornar o presente livre da subjugação das classes dominantes.

Analisemos agora, com alguns recortes, a Tese VII:

Ao historiador que quiser reviver uma época, Fustel de Coulanges recomenda banir de sua cabeça tudo o que saiba do curso ulterior da história. Não se poderia caracterizar melhor o procedimento com o qual o materialismo histórico rompeu. E um procedimento de identificação afetiva. Sua origem e a indolência do coração, a acedia, que hesita em apoderar-se da imagem histórica autêntica que lampeja fugaz. [...] A natureza dessa tristeza torna-se mais nítida quando se levanta a questão de saber com quem, afinal, propriamente o historiador do Historicismo se identifica afetivamente? A resposta é, inegavelmente: com o vencedor. Ora, os dominantes de turno são os herdeiros de todos os que, algum dia, venceram. A identificação afetiva com o vencedor ocorre, portanto, sempre, em proveito dos vencedores de turno. [...] Todo aquele que, até hoje, obteve a vitória, marcha junto no cortejo de triunfo que conduz os dominantes de hoje [a marcharem] por cima dos que, hoje, jazem por terra. A presa, como sempre de costume, é conduzida no cortejo triunfante. Chamam-na bens culturais. Eles terão de contar; no materialismo histórico, com um observador distanciado, pois o que ele, com seu olhar; abarca como bens culturais atesta, sem exceção, uma proveniência que ele não pode considerar sem horror. Sua existência não se deve somente ao esforço dos grandes gênios, seus criadores, mas, também, à corveia sem nome de seus contemporâneos. Nunca há um documento da cultura que não seja, ao mesmo tempo, um documento da barbárie. E, assim como ele não está livre da barbárie, também não o está o processo de sua transmissão, transmissão na qual ele passou de um vencedor a outro. Por isso, o materialista histórico, na medida do possível, se afasta dessa transmissão. Ele considera como sua tarefa escovar a história a contrapelo. (BENJAMIN apud LÖWY, 2005, p. 70)

Nadar contra a maré, remar contra ela, estar no olho do furacão e não se render ao sabor do vento que te joga na direção que deseja, assim temos outras dimensões do que é “escovar a história a contrapelo”. Do mesmo modo que Benjamin enxerga a ligação do passado daqueles que venceram com os que dominam no presente, a transmissão dessa “herança” do passado também se associa aos vencidos, no conjunto de suas derrotas, como memórias que servem para romper com as amarras do presente. Somente esta ruptura, esta negação do presente permitirá a fuga de uma sociedade que

continua a oprimir. Somente o entendimento dos lampejos do passado permitirão aos “de baixo” romper com a ideologia dos dominantes. Isso se dá na teoria, como na ação revolucionária.

A angústia de Walter Benjamin estava, também, na existência do historiador conformista que se alinhava ao dominante. Restava, na teoria de Benjamin, reforçar o papel da ruptura, pensar fora da linha de pensamento que havia sido construída para reafirmar a ideologia burguesa, a lógica do progresso, as “ vaidades que a terra um dia há de comer”. Recusar qualquer identificação que não seja com os oprimidos que buscam alcançar, mesmo com suas constantes derrotas, a felicidade. Mas para isso, tanto o historiador, como os demais sujeitos históricos, têm que deixar de escovar a grande fera chamada História no mesmo sentido em que seu pelo já está amansado.

Por fim, dentro dos recortes propostos para os interesses deste artigo (apenas algumas teses e não todas), uma pequena passagem da Tese VIII merece destaque por sua atualidade: “[...] O espanto é constatar que os acontecimentos ‘ainda’ sejam possíveis no século XX não é *nenhum* espanto filosófico [...]”. Hoje, século XXI e 81 anos depois das Teses, esta passagem continua tendo (enorme) validade ante a realidade que nos envolve.

Os progressos descritos e a serem combatidos, nas palavras de Benjamin, bem trouxeram o que ele presumia com todo pessimismo, mas também com toda clareza: a razão burguesa excessiva nos impõe a barbárie e mergulha mais fundo a humanidade em circunstâncias catastróficas, na economia, no clima, nos valores, enfim, nas crises gerais que atingem, sobretudo, os mais marginalizados da sociedade. A ciência, a indústria, a tecnologia, no século passado e neste, todas as “ilusões progressistas” desde o Iluminismo, precisam ser rompidas e apresentadas ao “novo anjo da história”, que olha para o passado e percebe que onde estes “avanços” estão mais presentes, mais desenvolvidos, mais chances de termos governos fascistas, o aprofundamento das desigualdades e a manutenção do domínio de uma camada social dominante sobre outra dominada, esta que por si, precisa refletir e compreender o que os acorrenta, se revoltar contra o triunfo dos vencedores através de sublevações que não sejam de momento, mas duradoura e revolucionária.

A condição para isso virá, talvez, do processo educacional ou outro meio, algo que ainda não está aí, não sabemos o que é, mas nascerá no devir histórico.

À guisa de uma constelação onírica e o que o presente nos diz

Se o presente está repleto de lampejos do passado é atento ao que aconteceu e (continua acontecendo) que temos de agir e não perder a oportunidade do acerto. Encontramos em Benjamin, no Quixote de Cervantes e no Quixote de Gessinger semelhanças para o necessário despertar dos oprimidos através da consciência histórica e, deseja-se, para uma ação política revolucionária. Os três falam de sonhos. Os três falam de negar a “realidade” construída sob o discurso do progresso. Os três abordam o despertar de uma consciência que vislumbra a esperança da transformação.

Benjamin apontava para o despertar da classe oprimida; Cervantes, com um Quixote saudosista, apresentou o Cavaleiro Andante como alguém que buscava “trazer de volta” um passado que se dissipou; Gessinger, traz um Quixote que acredita na preservação do melhor da humanidade. Na melhor das comparações, podemos colocá-los como negadores (não no sentido negacionista atual) de suas respectivas realidades, que vislumbram a fuga de um mundo ao qual não pertencem, mas igualmente, sabem que existem o *eu* e o *outro* a quem se opor. Oposição que constrói dentro da reflexão dialética do real e do sonho. Não querendo estabelecer comparações forçadas, mas todos eles também procuram apresentar suas ideias a partir da perspectiva daqueles que perderam algo. É a “história dos vencidos” em busca de mudar as imposições do progresso. Em certa medida, todos eles também remetem à noção de “fazer justiça”.

Existe, obviamente, um distanciamento em relação ao passado, não há uma ligação imediatamente direta, pois o passado é acabado, mas são iluminuras, miniaturas que podem ser vistas mergulhadas nas sombras das catástrofes históricas. Destas catástrofes, desta desilusão com um mundo em ruínas nascem os sonhos, os sonhos de lutar por uma sociedade menos desigual, violenta e carente de liberdade. Para isso, entre caminhos possíveis, podemos negar a noção de progresso burguesa, como propunha Walter Benjamin; Acreditar em ideais aparentemente despropositais e ilógicos, como o Dom Quixote de Cervantes; Agir mesmo que “por amor às causas perdidas”, como proposto por Humberto Gessinger; ou ainda, por fim, na junção dos três ideais para a (re)construção de um mundo melhor.

Referências

CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de. *Dom Quixote de la Mancha*. Tradução: Ernani Ssó. Vol. 1. 1ª Ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012;

ENGENHEIROS DO HAWAII. *Dom Quixote*. Álbum “Dançando no campo minado”. Universal, 2003;

GESSINGER, Humberto. *Pra ser Sincero*: 123 variações sobre um mesmo tema. Caxias do Sul, RS: Belas-Letras, 2009;

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Tradução: Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015;

KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LÖWY, Michael. *Walter Benjamin*: aviso de incêndio (uma leitura das teses “Sobre o conceito de História”). Tradução: Wanda Nogueira Caldeira Brant, [tradução das teses] Jeanne Marie Gagnebin, Marcos Lutz Müller. São Paulo: Boitempo, 2005.

NAPOLITANO, Marcos. *História & Música* – história cultural da música popular. Coleção História &... Reflexões, nº 2. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

Artigo recebido em 25 de agosto de 2021.
Aceito para publicação em 20 de outubro de 2021.